

CABO VERDE NO IMAGINÁRIO BRASILEIRO

CAPE VERDE IN THE BRAZILIAN IMAGINATION



Revista dos Cursos de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras - Unifap

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 24/9/2026

Aprovação do trabalho: 3/10/2026

Publicação do trabalho: 19/10/2026

Simone Caputo Gomes  
simonecaputog@gmail.com
 Universidade de São Paulo

COMO CITAR

CAPUTO GOMES, Simone. CABO VERDE NO IMAGINÁRIO BRASILEIRO. Revista Letras Escreve, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 177-188, 2026. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/letrasescreve/article/view/1810>.

Resumo

Breve investigação sobre as imagens que o Brasil e os brasileiros têm concebido sobre Cabo Verde e sua gente ao longo dos séculos XX e XXI, com destaque para os discursos literário e musical, bem como para as relações políticas e econômicas. Discussão de alguns equívocos e (pré)conceitos embutidos nesse imaginário no sentido de ajustar alguns parâmetros de leitura a respeito do arquipélago.

Palavras-chave: Cabo Verde, imaginário brasileiro, literatura, música, cultura.

Abstract:

A brief investigation into the images of Cape Verde and its people held by Brazil and Brazilians throughout the 20th and 21st centuries, highlighting literary and musical discourses as well as political and economic relations. It discusses certain misconceptions and (pre)conceptions embedded in this imagery, aiming to refine the parameters for interpreting the archipelago.

Keywords: Cape Verde, Brazilian imaginary, literature, music, culture.

...o Brasil é, bem antes, um pedaço de Cabo Verde!¹
 (PEREIRA, 2011, p. 30)

¹ PEREIRA, 2011, p. 30.
<https://periodicos.unifap.br/letrasescreve/index>

Considerações iniciais: sobre desconhecimentos e pré(conceitos)

Há alguns anos² (GOMES, 2008, p. 111-124), ressaltai o amor dos escritores cabo-verdianos pelo Brasil e pela Literatura Brasileira (especialmente no período da estética claridosa), enquanto Érica Antunes Pereira³ sublinhava o apreço do povo cabo-verdiano pelo nosso país (PEREIRA, 2012, v. 1, p. 19-35). Nada mais justo do que, depois mais de uma década, investigar a outra face da moeda, a contrapartida dessa relação afetiva, que me parece, ao primeiro olhar, desigual.

Em verdade, a maioria da população brasileira não conhece o arquipélago de Cabo Verde, não sabe que se situa na África e que é uma nação atlântica com cidadãos imigrados em várias partes do mundo, que sua colonização é anterior à do Brasil; tampouco que a cana sacarina, tão importante para a economia brasileira, foi implantada via Cabo Verde e que o milho maiz, levado do Brasil para o arquipélago, é a sua base alimentar e símbolo da bandeira do país. Não é caso de espanto, porque o cidadão brasileiro comum confunde o continente africano com países como a África do Sul (principalmente por sua presença constante na mídia em 2010, em virtude da Copa do mundo de futebol) e imagina a África como composta apenas por cidadãos de raça negra.

A ligação do Brasil com o arquipélago, contudo, é ancestral, enquanto colônias do império português, herdeiras da língua, híbridas de africanidade e lusitanidade na sua construção cultural. Mas essa herança que nos une também é desconhecida da maioria dos brasileiros. E não podemos esquecer de que a história do Brasil e a de Cabo Verde entrelaçam-se desde a chegada das naus cabralinas à Terra de Vera Cruz, vindas de São Nicolau, como atesta a *Carta de Caminha*, e que a posse do Brasil pelos portugueses legitimou-se a partir de Cabo Verde como ponto de referência no Tratado de Tordesilhas.

A maioria dos brasileiros que se têm aproximado um pouco mais do que é Cabo Verde, por pesquisarem Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, disciplina que em nosso país se dedica ao estudo das culturas dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, ainda me parece estar longe de conhecer profundamente a cultura cabo-verdiana e suas especificidades, pelos motivos que adiante elencarei com base em observações ao longo dos quarenta e nove (49) anos em que tenho difundido e ministrado os Estudos Cabo-verdianos por toda a extensão do território brasileiro: a) buscarem entender a cultura crioula à luz de conceitos e preconceitos utilizados para ler a cultura afronegra brasileira (como racismo, ascensão social horizontal, entre outros); b) dedicarem-se ao estudo de Cabo Verde numa abordagem panorâmica e sumária junto com outros PALOP (não empreendem, à força dos programas das disciplinas universitárias, uma investigação vertical da estrutura social e cultural cabo-verdiana, nem da história da colonização de cada ilha e de seus elementos culturais, nem de sua história literária complexa); c) a visita a apenas uma (falha de Gilberto Freyre) ou duas ilhas em viagem curta ao arquipélago é outro complicador, pois o pesquisador corre o risco de incidir numa visão parcial como suporte, tomando a parte pelo todo ao

² GOMES, 2008, p. 111-124.

³ PEREIRA, 2012, v. 1, p. 19-35.

usar suas inferências como verdades que valeriam para o patrimônio cultural das nove ilhas habitadas.

Ora, sabemos que cada ilha cabo-verdiana tem suas especificidades históricas e culturais, diferentes momentos e de povoamento (algumas não conheceram a escravidão) e diferentes povos que para elas se dirigiram, que o cabo-verdiano é orgulhoso de sua criouldade (hibridação de culturas, tanto de origem africana quanto europeia), e que Cabo Verde, como nosso irmão mais velho, foi colonizado antes do Brasil, não podendo ser lido e entendido à luz dessa cultura mais jovem: Cabral aportou no arquipélago antes de chegar à Terra de Vera Cruz.

1 Das tentativas de aprofundamento e aproximação ao encantamento atual

Para tentar dirimir o quase apagamento da mídia (muito responsável pelo fato de o cidadão comum brasileiro não ter informações sobre países africanos como Benim, Botsuana, Congo, Etiópia, Gabão, Nigéria, Sudão, além dos PALOP), as políticas públicas e a escola têm dispensado às culturas africanas alguns olhares mais atentos: Luís Inácio Lula da Silva, desde o seu primeiro mandato, em 2003, tentou realizar uma política externa como ação afirmativa na África e para a África, buscando assegurar continuidade aos desafios associados à luta contra o racismo no Brasil. Durante oito anos de mandato, foram abertas e/ou reativadas dezoito (18) embaixadas brasileiras no continente africano, o intercâmbio comercial do Brasil com a África cresceu, a cooperação Sul-Sul ganhou novo impulso.

A Lei n. 10.639/03 tornou obrigatório o ensino de história da África e das culturas afro-brasileiras nas escolas de educação básica nas redes pública e privada, bem como instituiu as diretrizes curriculares nacionais para o estudo das relações étnico-raciais e história africana e afro-brasileira; foi criado o Programa de Cooperação temática em matéria de ciência e tecnologia (ProÁfrica); foi inaugurada a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), criada pela Lei nº 12.289, de 20 de julho de 2010. Todas essas iniciativas têm contribuído significativamente no combate às desigualdades raciais e sociais no Brasil.

A partir do primeiro mandato de Dilma Rousseff, em 2011, as relações com o continente africano vivenciaram um enfraquecimento, resultado da turbulência econômica global e de crises políticas internas, ainda que mantendo sua relevância para a política externa brasileira; todavia, com a ascensão de Michel Temer ao poder, em 2016, operou-se uma reorientação nas linhas gerais da política externa do Brasil, colocando em questão o espaço ocupado pelo continente africano ao longo da década de 2000, inclusive com a cogitação de fechamento de embaixadas brasileiras na África e o rompimento com os objetivos da política externa anterior, ao enfatizar que as relações comerciais entre o Brasil e o continente africano seriam a prioridade do governo, em detrimento dos laços diplomáticos, históricos, sociais e políticos vigentes na matriz anterior.

Sob o governo Bolsonaro, a partir de 2019, a África desapareceu do radar político brasileiro, sobretudo pelas mudanças de diretrizes que acarretaram o declínio da importância da Cooperação

Sul-Sul como mecanismo de política externa brasileira, com a prioridade concedida às relações com os países centrais do sistema capitalista e de outras grandes potências econômicas. Desse modo, a África perdeu também importância estratégica para o Brasil na sua política externa, com o predomínio do objetivo de ganhos comerciais e boas relações econômicas e políticas com o Ocidente. No campo da educação, o governo de Jair Bolsonaro optou por modelos conservadores e por várias ações consideradas desastrosas como a troca de cinco ministros da educação em três anos e meio, ataques às universidades públicas, cortes de recursos, tendo por consequências maior evasão escolar, queda no número de matrículas e os piores índices educacionais dos últimos anos.

A adoção de políticas ideológicas de extrema-direita levou a movimentos prejudiciais ao modelo educacional democrático: a escola sem partido, a implantação de mais de uma centena de escolas cívico-militares, além do abandono das escolas rurais (desvalorizando as modalidades de educação indígena e quilombola) e a ampliação da educação à distância constituíram um grande retrocesso à educação brasileira. Ressonâncias de um viés religioso sectário, de teorias do conhecimento contrárias à ciência, como o “terraplanismo”, de pautas preconceituosas, como a proibição da abordagem das questões de gênero nas escolas, e a colocação entre parêntesis das questões étnico-raciais (ou seja, o afastamento das pautas sociais conquistadas por governos anteriores) agravaram o quadro de declínio geral da educação brasileira neste período de obscurantismo.

Tal retrocesso foi imenso, tanto nas relações de política exterior quanto de maior conhecimento do e de colaboração com o continente africano, suas culturas e sua contribuição para a identidade brasileira, e ainda persiste como veneno social.

Apesar desse breve levantamento de uma sucessão de equívocos quanto à imagem (e as abordagens) da África e, no caso que nos interessa, de Cabo Verde, de alguns anos até este momento o arquipélago anda na moda na mídia brasileira, o que contribui para começarmos a tratar de uma ideia geral do que seriam alguns traços de sua identidade, em termos positivos, na mente dos brasileiros.

Recentemente, a atriz Camila Pitanga postou fotos de sua viagem ao arquipélago, num álbum intitulado “Memórias de Cabo Verde”, ressaltando algumas semelhanças com o Brasil e encantando os internautas com as paisagens deslumbrantes. Como Embaixadora da ONU Mulheres Brasil e militante na luta por justiça social, igualdade racial e pelos direitos das mulheres no país e na América Latina, a artista participou do I Fórum Internacional Mulher e os Desafios do Desenvolvimento acontecido em maio de 2025, na cidade da Praia (capital de Cabo Verde), e, tendo viajado com a família, aproveitou para desfrutar do que considerou um paraíso africano.

Anteriormente, Lázaro Ramos, prestigiado ator, diretor e escritor, relatava que finalizou o seu livro *Na nossa pele* (2025) na ilha de São Vicente, em 2024, experiência em que pôde valorizar a arte viva, a música e o acolhimento que recebeu durante a sua estadia, mencionando a possibilidade de residir no arquipélago. A cantora Maria Gadú envolveu-se também com a cultura de Cabo Verde em 2017, no âmbito da campanha “Livres e Iguais” da ONU, emprestando sua voz e sua imagem

para um vídeo *spot* da campanha, que visava combater a homofobia e a transfobia. Participou em festivais em diferentes ilhas crioulas, a convite de Mayra Andrade. A atriz e cantora Cléo Pires esteve em Cabo Verde em 2016, como Embaixadora da Boa Vontade da UNESCO, para implantar o projeto piloto Água nas Escolas (Hidro EX), que previa levar água potável para mais de dez (10) mil pessoas no país.

As artes musicais têm sido um terreno privilegiado de trocas entre os dois países, sendo os artistas brasileiros presença constante nos muitos festivais que enchem as praias cabo-verdianas, como Daniela Mercury, Elba Ramalho, Gilberto Gil, Ivete Sangalo, Maria Gadu, Martinho da Vila, Preta Gil, Quinteto Violado. Carlinhos Brown gravou “Direito de nascê”, do compositor cabo-verdiano Manuel d’ Novas, e Martinho da Vila, só ou com a cabo-verdiana Celina Pereira, incluiu algumas melodias cabo-verdianas no seu disco *Lusofonia*, para citar alguns exemplos.

Ademais, artistas brasileiros consagrados têm reivindicado sua cidadania cabo-verdiana por laços ancestrais: Seu Jorge, Dudu Nobre e Sandra de Sá.

Quanto ao cidadão brasileiro anônimo, sem sombra de dúvida, quando algum conhecimento de Cabo Verde se anuncia, ressalta o impacto da figura de Cesária Évora, de suas vindas ao Brasil, de sua relação com Caetano Veloso, Maria Betânia e Marisa Monte, lembrando o poder da diva dos pés descalços e de sua poderosa voz no mapa global da música. Admiradora de Ângela Maria (além de Elza Soares e Maria Betânia), Cesária cantou em 1994, com sua diva Ângela, sucessos do “sapoti”. Em 1996, cantava o samba “É preciso perdoar” (de Alcivando Luz e Carlos Coqueijo) com Caetano Veloso e o tecladista japonês Ryuichi Sakamoto, para o disco beneficente Red Hot + Rio. Com Caetano, ela voltaria a fazer dueto em “Regresso” (poema de Amílcar Cabral), no disco *São Vicente di Longe*, de 2001. Em posteriores visitas a Rio e São Paulo, cantou com Marisa Monte (com quem gravaria “É doce morrer no mar”, clássico do baiano Dorival Caymmi).

Em depoimento (2013) emocionado, Caetano Veloso relatava o encontro de Cesária e Ângela Maria no SESC Pompeia, em São Paulo:

Me [sic] lembro de estar com Cesária no palco do Sesc Pompeia, creio que nos anos 1990, e de essa pessoa divina da música cabo-verdiana receber com encanto deslumbrado a Ângela Maria, a grande cantora brasileira que foi para ela a mais forte referência em sua formação.

Era comovente. Sempre percebi – e isso se confirmou e intensificou quando Cesária surgiu como figura luminosa no cenário musical do mundo – uma identificação profunda entre o Brasil da minha infância, adolescência e primeira juventude e a expressão real imediata de Cabo Verde.

Essa doçura que criamos – e que sugere uma resposta original à questão racial nascida da escravização de negros africanos para, antes de tudo, o cultivo da cana de açúcar, a mesma doçura que ainda hoje os visitantes contam encontrar no povo do Brasil – parece estar sempre intacta nos rostos, nas vozes, nas socializações, nas vestes, nos modos dos cabo-verdianos.

Perpassada pela melancolia da saudade, a doçura que encontramos aqui parece resistente, invencível, deitada eternamente. “Mãe

Carinhosa” é um deslumbramento presente que nos deixou Cesária. Seu título diz muito do que significa Cabo Verde – e o que há de Cabo Verde no Brasil – mas cada faixa do disco diz muito do que ali se anuncia.

Lázaro Ramos, em *Você não é invisível* (2022), assim descreve Cesária:

Não tem como começar a falar de Cabo Verde sem escrever primeiro o nome dessa mulher. O aeroporto tem o nome dela e tem um museu dedicado à cantora também. À noite, tem sempre alguém cantando uma música dela á janela ou pelas ruas. Foi em Mindelo, São Vicente, uma das nove ilhas de Cabo Verde, que eu fui inundado por sua voz e história de vida. [...] Pela voz de Cesária eu pude identificar a voz local. [...] ficaram no meu coração as mornas que escutei dela.

Por sua vez, a cantora Luedji Luna conseguiu realizar um grande sonho: cantar em Cabo Verde, onde Cesária Évora é a sua principal referência. Testemunhava Luedji, em 2023, aos jornalistas, após atuar na segunda noite do Kriol Jazz Festival (KJF), na cidade da Praia: “Cabo Verde sempre foi esse sonho por se parecer muito com o Brasil, eu me vejo como um espelho aqui e então foi um sonho realizado” (2023).

Amílcar Cabral, o grande pensador e militante africano, é outro ícone que não pode ser esquecido no campo do imaginário brasileiro quando se fala de Cabo Verde e da luta pela independência das colônias portuguesas. Seu lado poeta foi imortalizado no Brasil com a gravação do poema “Regresso” (com o título de “Mamãe velha”), por Alcione, a nossa “Marrom” (além do já citado Caetano Veloso).

Na Copa do Mundo FIFA de futebol de 2026, ocorrida nos Estados Unidos da América (o país que acolhe o maior número de cabo-verdianos na diáspora), Cabo Verde tornou-se a sensação do certame: “estreante no torneio, o pequeno arquipélago africano conquistou torcedores ao redor do mundo ao fazer uma campanha memorável e encerrar sua participação sem derrotas no tempo regulamentar. Ao longo do Mundial, os Tubarões Azuis desafiaram campeãs mundiais, mostraram um futebol competitivo e transformaram um país pouco conhecido em uma das grandes histórias da competição”⁴.

Seu lugar de ponte-para-o-mundo ou ponte de identidades, como costumo afirmar em meus escritos e aulas, afinal ficou visível e o Brasil foi um grande protagonista nesse processo.

Milhares de brasileiros converteram-se em torcedores entusiastas de Vozinha e sua equipe dos Tubarões Azuis, em virtude dos sentimentos que a determinação, a técnica, a garra e o amor à pátria daquela indômita seleção, além de humildade e simpatia, despertaram nos corações ao redor de todo o mundo.

Seu Jorge, por sua vez, bisneto de cabo-verdiana, é o narrador e produtor executivo do

⁴ BITTENCOURT, 2026.

documentário *Um milagre no Atlântico*, dirigido pelo brasileiro Cadu Machado, com estreia oficial em sala prevista para o último trimestre de 2026. A produção acompanha a histórica classificação de Cabo Verde para a Copa do Mundo e vai além, tomando o futebol como propulsor para explorar a cultura e a têmpera do país africano assolado por chuvas de até seis (6) anos em território essencialmente agrícola, tipo de cultura implantado pelo colonizador português. O longa-metragem mescla a campanha da seleção cabo-verdiana nas Eliminatórias da Copa FIFA com um panorama profundo da sociedade local e da diáspora cabo-verdiana espalhada pelo mundo. A produção tem por intenção registrar como o esporte mudou a visibilidade internacional da nação insular, que despertou o mundo para este pequeno país que merece destaque em várias áreas de desempenho.

2 A literatura brasileira retribui o “alumbramento” cabo-verdiano pela Terra de Vera Cruz

A par do relevo midiático, cumpre-me enfocar outro campo expressivo no qual Cabo Verde tem assomado no imaginário brasileiro, a Literatura, talvez como forma de retribuir um pouco do grande amor que os cabo-verdianos têm devotado desde muito cedo às nossas Letras.

Alcione Araújo (*Ventania*), Ana Maria Gonçalves (*Um defeito de cor*), Ana Martins Marques (*O livro das semelhanças*), Antônio Torres (*O nobre sequestrador*), Ariano Suassuna (*Romance de Dom Pantero no palco dos pecadores*), Caio Fernando Abreu (*Caio 3D – O essencial da década de 1990*), Chico Buarque & Ruy Guerra (*Calabar: o elogio da traição*), Coelho Neto (*A conquista*), Fernando Morais (“Ele mandou prender Pinochet”. In: *Cem quilos de ouro e outras histórias de um repórter*), Guimarães Rosa (*Primeiras estórias*), João Ubaldo Ribeiro (*Viva o povo brasileiro*), Jorge de Lima (“Passarinho cantando”. In: *Obra poética*), José Mauro de Vasconcelos (*Rosinha, minha canoa*), José Roberto Torero & Marcus Aurelius Pimenta (*Terra Papagalli*), Lima Barreto (“Os grandes tapeceiros”. In: *Obra completa*), Lázaro Ramos (*Você não é invisível*), Luíz Ruffato (*A cidade dorme*), Marcia Tiburi (*Era meu esse rosto*), Mário Palmério (*Vila dos Confins*), Moacyr Scliar (*Saturno nos trópicos*), Reinaldo Moraes (*Pornopopéia*), Socorro Acioli (*A cabeça do santo*), Sousândrade (XXI- O príncipe africano. In: *Harpas selvagens*), Victor Heringer (*Glória*) e Zélia Gattai (*Senhora dona do baile*) são alguns dos autores que citam Cabo Verde em suas obras.

Jorge Amado é quem mais descreve características, costumes e espaços cabo-verdianos, num conjunto de textos: *Navegação de cabotagem*, *Dona Flor e seus dois maridos*, *O menino grapiúna*, *Os pastores da noite*, *Tenda dos milagres*, *Tereza Batista cansada de guerra*, *Tieta do agreste*. De início, acompanhemos juntos, leitor, o imaginário do escritor baiano em alguns excertos.

O tipo físico é um dos atributos observados por Amado como a “formosura cabo verde” que foi dada a Dona Flor pela ilustradora Lina Bo Bardi, referida no texto “Bahia, 1988” (2012) A personagem, na obra consagrada de Jorge Amado, apresenta-se como “bonita, agradável de ver-se: pequena e rechonchuda, de uma gordura sem banhas, a **cor bronzeada de cabo-verde**, os lisos cabelos tão negros a ponto de parecerem azulados, olhos de requebro e os lábios grossos um tanto

abertos sobre os dentes alvos”⁵.

Outra personagem de Jorge Amado, Tereza Batista Cansada de Guerra, assim é descrita, destacando-lhe traços semelhantes ao mestiço caboré (proveniente da mestiçagem entre negro e indígena, como ressalta Manuel Diégues Júnior em *Relações de raça e discriminação no Brasil*, 2007), denominado “cabo-verde” na Bahia:

Alguns a enxergaram cigana, ledora de mão, ladrona de cavalo e de criança pequena, com brincos de moedas nas orelhas, pulseiras de ouro, dançando. Segundo outros, **cabo-verde, pelos rasgos de índia**, certa reserva quando menos se espera, **os negros cabelos escorridos**⁶.

Em “O candomblé marxista”, texto de *Navegação de cabotagem*, Jorge Amado compara as mulheres cabo-verdianas a mulheres brasileiras na cor da pele e no seu modo de estar: “Na praça pública exibe-se o corpo de baile formado por mulheres do povo, **cabrochas caboverdeanas iguais às mulatas caboverdes do Brasil no requebro e na graça**”⁷.

O tipo físico que Amado constrói para representar a mulher cabo-verdiana reaparece n’*O menino grapiúna*:

A casa pobre é moradia e oficina, mas o menino vive na praia, no encontro do rio com o mar, as ondas poderosas e as águas tranquilas, o coqueiral, o vento e a presença da menina por quem pulsa seu pequeno coração. Como se chamava? Perdeu-se o nome, na memória ficou apenas a imagem da cavalgada, de mistura com as histórias de fadas e piratas, em curiosas versões regionais de dona Eulália. Ficaram o audaz alazão **e o rosto moreno, os cabelos lisos, de cabo verde, da primeira namorada**. Namorada seria muito dizer, com tão pouca idade ainda não se namora, mas com que intensidade se ama!⁸.

A graciosidade feminina e a semelhança entre morna e samba ressaltam ainda no texto “O requebro” (Praia, 1986), na descrição do banquete oferecido pelo Presidente da República de Cabo Verde ao Presidente da República do Brasil (em visita oficial à capital Praia), a que Jorge Amado e a esposa compareceram:

Encaminhamo-nos para a sala onde se dará o banquete oferecido. Zélia aperta-me o braço, faz-me parar, sorri. Em nossa frente no corredor, a senhora Aristides Pereira, mulher do Presidente, primeira-dama do país, a simpatia em pessoa. Não se imaginando seguida, ouvindo a música que vem da sala, antes de nela penetrar, executa um passo de dança, parece um gingado de samba, é um requebro de morna, ritmo

⁵ AMADO, 2008, grifos meus.

⁶ Ibidem.

⁷ AMADO, 2012, grifos meus.

⁸ AMADO, 2010, grifos meus.

e baile de Cabo Verde, o mesmo dengue, idêntico meneio de ancas⁹.

Em *Os pastores da noite*, o mulato cabo-verdiano completo o quadro fenotípico com o qual o escritor brasileiro pinta os naturais do arquipélago: “Jesus Bento de Sousa, alfaiate batineiro, **mulato cabo-verde, de lisos cabelos de índio, cor bronzeada**, os óculos equilibrados na ponta do nariz”¹⁰ (Amado, 1976, grifos meus). O tipo que Jorge Amado considera “cabo verde” reaparece em *Tenda dos milagres*: “Jovem, alto e belo **mulato cabo verde**, voz de baixo, discursa em nome da Frente Médica antifascista, seu nome é doutor Divaldo Miranda”¹¹.

Tieta do agreste apresenta ainda o “cabo-verde” tanto em personagens femininas quanto masculinas, com base na cor da pele:

Por fim o sono se impôs, mas Diva não dormiu tranquila; dormiu com o negro até de manhãzinha, Só que não era preto. Nem preto nem branco, nem pardo, nem caboclo ou cabo-verde: era luminoso e um fogaréu crescia-lhe no vão das pernas.

Durante boa parte do percurso que foi longo e acidentado, Castor figurou um caititu descomunal: seria um javali se Diva soubesse o que fosse um javali. [...]

As três filhas de Jose dos Santos e sua Clara tinham saído tão dessemelhantes, no físico e nas maneiras, que nem pareciam irmãs de pai e mãe. Isaura puxara a mãe na cordialidade, boa de conversa e de convívio, ao pai **nos cabelos lisos e na cor da pele cobreada, esguia cabo-verde marcada pelo sangue indígena**. Abigail, calada igual a Zé dos Santos, no mais era ver sua Clara: gorducha, carregada na cor, veludosa carapinha, olhos rasgados; nela predominara o sangue negro¹².

Contudo, o texto brasileiro que me parece mais se aproximar das vivências cabo-verdianas é o de Socorro Acioli, *A cabeça do santo* (2014), romance de busca de identidade em que o protagonista Samuel mergulha no passado do pai para desvendar suas origens.

Anteriormente, Acioli declarava seu enamoramento por Cabo Verde numa pequena crônica, “Meu coração em Cabo Verde”, em que rememora sua visita em outubro de 2009 a este “lugar mágico”, quando ministrou suas oficinas de escrita no Centro Cultural Brasil - Cabo Verde, da Embaixada do Brasil:

Cabo Verde é tão importante para mim que eu sempre penso em estar lá de novo. Na primeira visita, comecei esse trabalho que consiste em doar o que é mais importante para mim, a literatura, dividir tudo que sei. Mas também aprendi muito. Conheci a música de Mayra Andrade, a areia escura da Cidade Velha, as cores do Sucupira, tomei café com o poeta Arménio Vieira, Prêmio Camões de Literatura, no Café Sofia.

⁹ AMADO, 2012.

¹⁰ AMADO, 1976, grifos meus.

¹¹ AMADO, 2008, grifos meus.

¹² AMADO, 2009, grifos meus.

Conheci a própria Sofia, amiga da Neda, minha irmã, que me recebeu na ilha)¹³

E complementa:

Na segunda vez, fiz palestra na praça, acendi vela, visitei o Campo de Concentração do Tarrafal, comprei *sibitchis*. Sentada na livraria Nhô Eugênio, que visitei diariamente, recebi a prova da capa do meu romance *A Cabeça do Santo*, que tem Cabo Verde como cenário, personagem e tema. Tendo sido publicado na Inglaterra, nos Estados Unidos e na França, tenho imenso orgulho de ter levado Cabo Verde para vários leitores do mundo, na minha literatura¹⁴.

No romance citado (Acioli, 2014), Socorro Acioli destaca, no capítulo intitulado “Cabo Verde”, os tecidos do Senegal e de Moçambique vendidos no popular mercado de Sucupira (situado na capital, Praia, nomeado em homenagem a uma novela brasileira de Dia Gomes); o formato do corpo da mulheres cabo-verdianas; a *sibitchi*, pedra vulcânica que “afasta o mau-olhado e atrai sorte”; as histórias tradicionais e o seu encanto; a língua materna (o crioulo); as modalidades musicais mais executadas (morna, coladeira). Acompanhem algumas passagens.

Fernando, o protagonista do texto, casa-se com Helenice, moça bonita cujos “quadris largos [...] prometiam uma boa prole”¹⁵. Mas, necessitando viajar para expandir seu negócio: “Logo que chegou a Cabo Verde, sua primeira providência foi tirar a aliança e esconder muito bem”¹⁶. Por ocasião das primeiras negociações,

fez amizade com o dono de uma lojinha no Sucupira, o gigantesco mercado a céu aberto onde se vende de tudo.

Fernando passava o dia no Sucupira, olhando os tecidos dos concorrentes, fazendo trocas com as sedas indianas que levava, aprendendo sobre a padronagem dos panos africanos e espiando o corpo cheio de carnes das caboverdianas, especialmente o de Maria, a lindíssima dona da banca de colares e brincos feitos de pedras filhas de vulcões.

Maria chamou a sua atenção dentre as outras desde o primeiro dia. Primeiro por sua mercadoria, aquelas contas negras e brilhantes que ela manuseava para fazer colares e brincos. E, depois, porque sempre cantava enquanto organizava o seu ponto de trabalho¹⁷.

Maria “enfeitiçou o coração de Fernando com a voz grave, forte, doce, pronunciando com tanto gosto cada palavra do crioulo cabo-verdiano”¹⁸. As histórias tradicionais também faziam parte

¹³ ACIOLI, 2014.

¹⁴ ACIOLI, 2017.

¹⁵ ACIOLI, 2014.

¹⁶ Ibidem.

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ Ibidem.

desse mundo encantatório que envolvia Maria: “Dizia ‘stória, stória’ e começava a contar as lendas que sabia desde menina, coisas da África, dos bichos e gentes. Fernando gostava tanto de suas conversas quanto das canções”¹⁹, as mornas que “escutava comovido”²⁰. E “vez em quando, ela cantava coladeiras, canções alegres, de dançar. Ele amava cada nota e vivia por aquela voz”²¹.

3 Brevemente, concluindo...

Assim, do exposto, é possível observar que Cabo Verde tem povoado o imaginário de escritores, artistas, pesquisadores e do público brasileiro em geral com certa timidez (se compararmos este apreço ao amor dos cabo-verdianos pelo Brasil, por sua cultura e literatura), mas com grande intensidade, sobretudo no que diz respeito a personagens fundamentais de sua história política e cultural (como Amílcar Cabral e Cesária Évora), e ainda pela beleza de sua terra e de suas gentes, além da força de patrimônios como a língua entoada pela população e cantada nas mornas e coladeiras tão apreciadas no panorama mundial.

De minha parte, há quarenta e nove anos tenho procurado difundir o monumento cultural erigido por esse “petit pays” tão querido, rico em história, música, pintura e literatura, e exemplo de democracia para o conturbado e injusto mundo atual.

Referências

- ACIOLI, S. **A cabeça do santo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. E-book.
- ACIOLI, S. “Meu coração em Cabo Verde”. In: **O povo**, 04 de Jul de 2017. Disponível em: <https://mais.opovo.com.br/meu-coracao-em-cabo-verde.html>. Acesso em 20/01/ 2026.
- AMADO, Jorge. **Os pastores da noite**. Rio de Janeiro: Record, 1976. E-book.
- AMADO, J. **Tereza Batista cansada de guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. E-book.
- AMADO, J. **Tenda dos milagres**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. E-book.
- AMADO, J. **Dona Flor e seus dois maridos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. E-book.
- AMADO, J. **Tieta do Agreste**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. E-book.
- AMADO, Jorge. **O menino grapiúna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. E-book.
- AMADO, J. **Navegação de cabotagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. E-book.

¹⁹ Ibidem.

²⁰ Ibidem.

²¹ Ibidem.

DIÉGUES JUNIOR, M. Relações de raça e discriminação no Brasil. In: **Universitas**, [S. l.], n. 6/7, p. 47, 2007.

GOMES, S. C. Cabo Verde e Brasil: um amor pleno e correspondido. In: **Cabo Verde: literatura em chão de cultura**, 2008, p. 111-124.

PEREIRA, D. A. **Das relações históricas Cabo Verde/Brasil**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.

PEREIRA, Daniel A. **Das relações históricas Cabo Verde-Brasil**. Brasília: Fundação Alexander de Gusmão, 2011.

PEREIRA, É. A. “O Brasil pelos cabo-verdianos: diálogos literários entre os dois lados do Atlântico”. In: **Anais do 1º Encontro de Diálogos Literários: um olhar para além das fronteiras**. Campo Mourão: Fecilcam, 2012. v. 1. p. 19-35.

RAMOS, L. **Na nossa pele**: continuando a conversa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2025.

RAMOS, L. **Você não é invisível**. São Paulo: Objetiva, 2022. E-book.

VELOSO, C. Encarte do álbum "**Mãe Carinhosa**" (Lusafrica, 2013).

RTP Notícias/ Cultura. “Cantora brasileira Luedji Luna realiza ‘sonho’ de atuar em Cabo Verde”. In: **RTP Notícias/ Cultura**, 15 Abril de 2023. Disponível em https://www.rtp.pt/noticias/cultura/cantora-brasileira-luedji-luna-realiza-sonho-de-atuar-em-cabo-verde_n1479640. Acesso em 15/01/ 2026.